

**DEUSES ESTRANHOS EM NOSSAS TERRAS: NOTAS SOBRE O
CONTO “ESTRANHOS PÁSSAROS DE ASAS ABERTAS”, DE
PEPETELA**

STRANGE GODS IN OUR LANDS: NOTES ON THE SHORT STORY

“STRANGE BIRDS WITH OPEN WINGS”¹ BY PEPETELA

Raike Barone Costa Santos²

Isaías Francisco de Carvalho³

RESUMO

Nosso objetivo é oferecer uma análise do conto *Pássaros Estranhos de Asas Aberta*, de Pepetela, explorando a interseção entre as perspectivas literária e histórica. O autor retrata o primeiro encontro entre uma tribo africana e os colonizadores portugueses por meio de uma reinterpretação do Canto V de *Os Lusíadas*, invertendo o ponto de vista. Dessa forma, o leitor vivencia os acontecimentos sob a ótica dos colonizados, tendo acesso à sua cultura, aos seus costumes e às suas emoções diante da chegada dos invasores portugueses.

Palavras-chave: Literatura angolana; Camões; Colonização.

ABSTRACT

Our goal is to provide an analysis of the short story “*Strange Birds with Open Wings*” by Pepetela, exploring the intersection of literary and historical perspectives. The author depicts the first encounter between an African tribe and Portuguese colonizers through a reinterpretation of *The Lusíads*, *Canto V*, by reversing the perspective. In this way, the reader experiences the events from the viewpoint of the colonized, gaining insight into their culture, their customs, and their emotions when confronted with the Portuguese invaders.

Keywords: Angolan literature; Camões; Colonization.

¹ Tradução nossa.

² Graduado em Filosofia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações – PPGL/UESC, com bolsa CAPES. Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

³ Doutor em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura. Professor de Literaturas Anglófonas e de Língua Inglesa do Departamento de Letras e Artes. Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Introdução

A história tradicional, que é comumente encontrada nos livros e manuais escolares e acadêmicos, é o relato dos vencedores na visão de Walter Benjamin (1996). São narrativas capazes de afirmar preconceitos, equívocos e até mitos como se fossem fatos reais. Desse modo, é necessário questionarmos a possibilidade de encontrar nas entrelinhas uma possível narrativa que se contraponha à censura imposta aos dominados e trazer sua visão sobre os acontecimentos que transformaram e subjugaram sua cultura e suas tradições.

O ato de revalorização da memória ocorre por meio do comportamento narrativo, que em muitos povos teve uma função social. Dos povos que transmitiam seus saberes pela oralidade se formaram mitos que demonstram a formação da humanidade e a instituição das famílias e etnias, criando, assim, uma importante memória coletiva. A cultura e a história das tribos eram passadas de geração em geração a partir do relato oral. Com efeito, sempre houve preocupação em preservar a memória coletiva e em passar às próximas gerações o conhecimento de seus antepassados numa tentativa de eternizar o passado, trazendo-o sempre que necessário ao presente. É nessa perspectiva que o autor angolano Pepetela revisita o início da colonização europeia em África, dialogando com o *Canto V – O Gigante Adamastor*, de *Os Lusíadas*, invertendo a ótica do poema épico do português Luís de Camões, apresentando a possível visão da tribo africana ao se deparar com os invasores em suas terras.

Pepetela busca repensar o épico camoniano de uma forma contracolonial por meio do conto “Estranhos pássaros de asas abertas”, recontando a passagem das caravelas de Vasco da Gama pelo Cabo da Boa Esperança. O conceito de contracolonialidade aqui abordado, em conformidade com Marília Leite (2024), é um dispositivo que cria saberes e práticas capazes de desafiar e de substituir a lógica colonial, fortalecendo epistemologias e sujeitos historicamente marginalizados.

A narrativa é contada a partir de duas perspectivas, a terrestre, por meio da tribo africana em contato com os navegadores portugueses, e a metafísica, ao abordar os embates dos deuses africanos ao descobrirem a presença de divindades estranhas em seus domínios. Separados por aproximadamente quatro séculos, Camões e Pepetela têm ambições distintas: o primeiro quer alçar o povo lusitano ao pedestal de desbravadores do mundo e escolhidos pelos deuses como sucessores do império romano. O segundo busca revalorizar a memória do povo africano pastichando o épico camoniano, isto é, ao invés de impor uma concordância ou enaltecimento *ipsis litteris* à obra em questão, o escritor angolano trilha o caminho da digressão do olhar colonizador ao reformular a narrativa por meio do protagonismo do povo africano.

Abordamos aqui dois textos principais: o africano, escrito por Pepetela em 2003, a pedido do jornal português *Expresso*, à guisa de introdução de uma edição especial de *Os Lusíadas*, e que integrou posteriormente a coletânea *Contos de morte*, em 2008, e o europeu, considerado um dos textos máximos da literatura portuguesa por sua didática e considerável qualidade poética, inspirada pela por obras como *Eneida*, de Virgílio, e *Odisseia*, de Homero, e a partir da qual trabalhamos especificamente o *Canto V*. Temos por objetivo transitar nos campos da história e da literatura para estabelecer

uma conexão entre os textos e para explorar suas diferentes visões sobre o mesmo tema. Para tanto, apresento à/ao leitor/a o momento histórico que os textos descrevem.

1. Vasco navega em mares revoltosos

Muito pouco se sabe da vida do autor de *Os Lusíadas*, Luís de Camões. É provável que tenha nascido por volta do ano de 1524 ou 1525, em Lisboa. Filho de Ana de Sá e Simão Vaz de Camões, pertencia à nobreza e prestou serviço à coroa portuguesa como servidor da expansão ultramarina. Era defensor das armas e das letras, sendo referenciado como um dos maiores escritores da literatura lusitana.

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela, é considerado um dos maiores autores da literatura africana contemporânea. Começou escrevendo contos para a *Revista Mensagem* na década de 1960, mas é aclamado pelo público e pela crítica por seus romances. Nascido em Benguela no dia 29 de outubro de 1941, filho de portugueses, é sociólogo, escritor, educador e ex-guerrilheiro angolano, tendo participado de 1969 a 1974 da MPLA,⁴ faz parte das lutas armadas pela libertação de Angola. Em 1971, escreveu *Mayombe*, um dos seus livros mais lidos e estudados no Brasil. Publicado apenas em 1980, num contexto pós-colonial, o romance lhe concedeu o Prêmio Nacional de Literatura de Angola. O escritor africano também foi laureado, em 1997, com o maior galardão da literatura em língua portuguesa: o Prêmio Camões, o qual é uma homenagem ao escritor português homônimo.

O conto “Estranhos pássaros de asas abertas” é uma tentativa de Pepetela de revalorizar a história de seu povo partindo da ótica do oprimido, demonstrando que havia uma cultura e um povo antes da chegada do colonizador português. É também uma forma de submergir o leitor em questionamentos contracoloniais e em quebras de estereótipos preconceituosos que perduram até os dias atuais. Em suma, é um grito pelo reconhecimento das terras usurpadas, semelhante ao que fez o profeta Jeremias quando, em *Lamentações*, clama o favor de Deus, pois “[...] a nossa terra agora pertence a estranhos; nossas casas, a estrangeiros.” (Lamentações 5:2).

A história europeia relata que, por volta de 1500, os portugueses, confusos com a rota que os levava até as Índias, acabaram encontrando “novas” e tropicais terras habitadas por povos selvagens que careciam ser catequizados e civilizados pela avançada cultura do futuro colonizador. Essa visão histórica, ausente de crítica, beneficia os vencedores e apresenta os colonizados como desprovidos de saberes e culturas, carentes e abertos ao processo civilizatório. No Brasil, por exemplo, os indígenas vencidos não conseguiram apresentar sua versão dos acontecimentos sem levantar um olhar de desconfiança sobre a veracidade de suas palavras (Mattos, 2011).

Antes de iniciar o processo de “civilização” dos povos indígenas brasileiros, as empreitadas da navegação portuguesa já começavam a colher os frutos das incursões em solo africano, o que lhes

⁴ Movimento Pela Libertação de Angola.

permitia começar a transcrever o relato de suas conquistas, nomeando de “descobertas” as terras já povoadas. No entanto, os outrora oprimidos povos africanos promovem, a partir do século XX, uma revalorização da memória e da ancestralidade que foram apagadas durante o processo colonizador, trazendo à tona os mitos e as tradições fundadoras de suas nações, de modo que as estátuas da glória europeia construídas no imaginário comum têm sido não só questionadas, mas também destruídas pela força das narrativas legitimadoras e das origens da sociedade africana.

É reforçando o cenário da recuperação da memória e da luta contracolonial que Pepetela produz o conto “Estranhos pássaros de asas abertas”. A narrativa descreve o primeiro encontro do povo africano com os navegadores portugueses, a partir do *Canto V – O Gigante Adamastor*, presente no épico *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, redefinindo a ótica dos personagens da obra. Camões e Pepetela, dois escritores de língua portuguesa, situados em momentos diferentes da história, escrevem sobre o mesmo evento, mas relatam seus efeitos de pontos de vista opostos:

Dentro dessa realidade, busca-se identificar e explicar os modos pelos quais os personagens africanos experienciam o encontro colonial, possibilita-se, ao mesmo tempo, oferecer ferramentas conceituais para caminharmos na decolonização dos imaginários de populações colonizadas como a brasileira, além de produzir, dessa maneira, uma luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos epistêmicos, simbólicos e mentais no nosso tempo presente (Paradiso; Fonseca; Melo, 2022, p. 184).

Escrito com base em um evento passado, *Os Lusíadas* relata a viagem expansionista de Vasco da Gama e sua tripulação, visando consagrar Portugal como uma pátria de heróis desbravadores, mediadores entre o ocidente e os povos das “terras remotas”. Antes de se lançarem ao mar, os navegadores são submetidos ao conselho dos deuses romanos, para que se discuta a viabilidade de tão grandiosa empreitada. Júpiter sinaliza sua aprovação, enquanto Baco discorda, argumentando que essa navegação apagaria suas conquistas no Oriente, soterrando as glórias dos antigos romanos. Porém, Vênus se coloca como a voz definitiva na aprovação da expedição, pois, segundo ela, Portugal vinha a suceder Roma e a estender o legado do antigo império⁵.

Como antagonista da tripulação está o gigante Adamastor, filho de Gaia, e revoltado com seu amor não correspondido por Tétis, a nereida dos mares e protegida de Netuno, quem será indiretamente responsável pelas tormentas que farão o percurso dos portugueses mais glorioso em meio ao revoltoso mar. Dessa forma, Camões alça a nação portuguesa ao pedestal de conquistadores de um mundo que necessitava ser descoberto, enquanto pinta a imagem da África como “terras remotas” ou “a parte da terra que outro povo não pisou” ou ainda como “terra despovoada”, o que, na visão de Mattos (2011), personifica um vazio que é o argumento utilizado pelo europeu para colonizar os donos da terra, colocando em prática seus métodos exploratórios e de dominação, para que possa explorar, exterminar e expropriar os povos originários.

⁵ *Os Lusíadas*, Canto I, 20-41.

2. Estranhos espíritos em nossas terras

O conto de Pepetela narra o encontro de um povo africano com a tripulação portuguesa de Vasco da Gama por meio do personagem Samutu, que estava entretido retirando um favo de mel de um pedaço de madeira já seco quando é agarrado pelos braços por três figuras de cheiro pestilento, as quais ele julgou serem espíritos malignos que vinham lhe fazer alguma vingança. É interessante notar como Pepetela trabalha a metafísica dos mitos religiosos dos povos originários. Samutu, por não conhecer aquelas figuras estranhas que lhe cheiravam como cadáveres e agiam com truculência e brutalidade, concluiu que só poderiam ser entidades malfazejas. Contudo, a chegada dos europeus fora vaticinada anteriormente pelo sábio Manikava, o líder espiritual da tribo, na seguinte passagem:

Como no sonho de Manikava, o sábio, que via o futuro nas labaredas do fogo e nos intestinos do cabrito. E Manikava tinha contado, num sonho ele viu mesmo, iam chegar grandes pássaros de asas brancas e dentro deles saía gente estranha, como filhos-formigas brotando de ave morta. Contou no chefe, depois contou ao povo reunido na praça da aldeia. O chefe perguntou, isso é um bom sinal dos antepassados? Manikava disse que não sabia, mas o peito estava apertado, coração a bater com força (Pepetela, 2008, p. 1).

Com efeito, se o centro simbólico e mítico esteve ao lado do colonizador ao longo da história por intermédio da religião cristã e dos ritos catequéticos, Pepetela insere a cultura religiosa dos povos africanos, a fim de equiparar as crenças. Assim, o conto do escritor angolano insere elementos próprios dos habitantes daquela região para equilibrar a dialética entre colonizador e colonizado, apresentando a voz daqueles que foram anulados nas narrativas ficcionais e históricas, esferas que em Camões se misturam deliberadamente (Valle, 2022).

No épico camoniano, já no primeiro encontro entre os navegadores e o homem que buscava o favo de mel, temos uma descrição que demonstra a visão destoante entre povos distintos: “Vejo um estranho vir de pele preta”⁶ e “Nem ele entende a nós e nem nós a ele/ Selvagem mais que o próprio Polifemo.”⁷ Vemos que ambos os povos têm a visão do outro como “estranhos”, cada um colocando dentro de sua própria perspectiva uma classificação do que seria esse “outro”. Sobre isso, o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1984, p. 4) afirma:

A atitude mais antiga e que repousa, sem dúvida, sobre fundamentos psicológicos sólidos, pois que tende a reaparecer em cada um de nós quando somos colocados numa situação inesperada, consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que nos identificamos. “Costumes de selvagem”, “isso não é nosso”, “não deveríamos permitir isso”, etc., um sem número de reações grosseiras que traduzem este mesmo calafrio, esta mesma repulsa, em presença de maneiras de viver, de crer ou de pensar que nos são estranhas. Deste modo a Antiguidade confundia tudo que não participava da cultura grega (depois greco-romana) sob o nome de bárbaro; em seguida, a civilização ocidental utilizou o termo de selvagem no mesmo sentido.

Destarte, o meio em que a pessoa está inserido administra certa influência na identificação

⁶ *Os Lusíadas*, Canto V, 27.

⁷ *Os Lusíadas*, Canto V, 28.

de uma cultura diversa à sua. Em alguns casos, recusa-se a admitir a diversidade cultural, preferindo admitir a sua própria tradição como a única possível de ser replicada conforme as normas aceitáveis de existência e convivência humana.

Ao chegarem em África, Pepetela (2008, p. 2) descreve o medo de Samutu ao se deparar com os navegadores portugueses e “com o cheiro pestilento deles e o seu aspecto desgrenhado de bandidos”. Os portugueses estavam sujos, pois viajavam há muitos dias numa época em que as condições e os hábitos de higiene eram precários. Mesmo assim, o africano classificou os invasores como espíritos vingativos não por conta de suas aparências deploráveis, mas pela brutalidade que exerceram sobre ele: “tremia todo e falava, me deixem, me deixem, só podiam ser espíritos injustiçados vindo se vingar” (Pepetela, 2008, p. 2).

O autor angolano formula uma contraposição discursiva, uma inversão de polos. Seus personagens, no contraplano dos navegadores portugueses, vendo-os pela primeira vez, também experimentam o tal estranhamento narrado no épico camoniano, o que nos leva ao questionamento: “afinal, quem é o estranho?” ou simplesmente: “quem é estranho para quem?”. Diferentemente dos europeus, no entanto, os africanos buscam nas afinidades humanas o que já lhes era natural em sua organização de tribo e a compreensão das diferenças. Os portugueses, ao contrário, as negam, embora sejam absolutamente evidentes (Mattos, 2011). Para a trupe de Vasco da Gama, a nudez dos africanos era algo exótico, mas para os aldeões até as roupas dos europeus eram estranhas, ainda mais sem nexos o fato de estarem numa terra excessivamente quente e mesmo assim estarem cobertos por vestimentas: “vinham vestidos os cazumbis⁸, morrendo de calor debaixo de grossas roupagens todas empapadas de suor” (Pepetela, 2008, p. 3).

Segundo Pinheiro (2015), é comum utilizar o termo “estranho” para definir o colonizado, pois a palavra faz referência ao deslocado, àquele que não está dentro da ordem social vigente ou nas normas de condutas ditas “civilizadas”. Contudo, Pepetela argumenta que o outro que está em África é justamente o colonizador português, porém a visão dos habitantes não é de separação ou destruição dos estrangeiros. Eles não são uma hecatombe que ameaça a civilização ou a conjuntura social, mas são a própria terra e sua força anímica.

Após o primeiro estranhamento entre Samutu e os navegadores e a constatação da impossibilidade da comunicação oral entre eles, os europeus estudam a reação dos indígenas frente a especiarias diversas e pedras preciosas. O africano não demonstra reação ao ver o brilho do ouro e da prata e ao sentir o cheiro das especiarias que mascaram o odor fétido dos invasores, mas se encanta por um barrete vermelho “bom para o frio húmido da noite e para o sol quente do dia” (Pepetela, 2008, p. 2), o que causa risos aos portugueses. O que notamos nessa passagem é a visão destoante entre os povos: Samutu gosta do barrete porque vê serventia no pequeno escambo, atitude que o colonizador toma como cômica, pois, em sua visão, o único valor está naquilo que lhe gera lucro, o ouro, a prata, as

⁸ Cazumbi (do quimbundo *nzumbi/kazumbi*) é um termo africano para designar “espírito”, “fantasma” ou “alma de pessoa morta”, sendo usado também na cultura popular para figuras espectrais ou para caracterizar alguém muito magro ou adoentado. O termo deriva de tradições *bantas* da África Central.

especiarias comercializadas nas Índias, e, futuramente, a mão de obra escravizada e as terras tomadas dos povos originários tinha valor superior até mesmo à vida humana.

Após receber o presente da trupe de Vasco da gama, Samutu reformula sua visão sobre aqueles espíritos invasores “[...] e lhe puseram na mão umas missangas coloridas, e ele sorriu, já mais calmo. Se os espíritos lhe davam coisas, então é porque não vinham para se vingar de faltas não expiadas.” (Pepetela, 2008, p. 2). Ele decide então retornar para sua aldeia e relatar a seus iguais a chegada dos estranhos e de seus presentes. Felizes, as mulheres, querendo usar as missangas e o barrete de Samutu, foram recepcionar os espíritos com bebidas e comida. Apenas o sábio da tribo se manteve afastado, como podemos observar na seguinte passagem:

Só Manikava se mantinha afastado do rebuliço, a fronte enrugada, cismando os seus mambos de adivinho. Tentaria Manikava descobrir quais as intenções de Nzambi, Suku, Kalunga, ou qualquer outro deus, ao lhes mandar seres tão estranhos como os descritos por Samutu? (Pepetela, 2008, p. 3).

Ao relatar a desconfiança de Manikava, Pepetela ressalta o arquétipo do velho sábio presente no imaginário dos povos originários. É uma forma de privilegiar a memória e a experiência de vida dos mais velhos, além de conectar o personagem com os deuses daquela cultura. O sábio via o futuro nas labaredas do fogo e nos intestinos do cabrito (Pepetela, 2008), portanto era o guardião de uma parte importante da cultura local e da memória e ancestralidade de seu povo. Julgamos que essa seja uma maneira pela qual o autor angolano demonstra que aquele povo, visto como “selvagem” e que necessitava ser civilizado, possuía uma cultura que não era pior ou menos rica de mitos e tradições do que a dos ocidentais.

É interessante notar que algumas alas da literatura histórica têm o cuidado com o “lembrar», na tentativa de reconstruir outro passado que acaba por escapar do imaginário comum (Silva, 2009). A história tradicional é perigosa, pois pode causar tantos danos à memória quanto uma bomba nuclear. É preciso encontrar nas entrelinhas aquilo que foi apagado, aquilo que de alguma forma nos escapa ou que propositalmente nos é negado e que nos ajude a entender o mundo que nos rodeia.

3. Os deuses pelejam e os espíritos querem nossas mulheres

Se os africanos foram recepcionar os navegadores portugueses com festa e comida, no âmbito metafísico não houve tal acolhida. Os deuses romanos, agora ao lado dos herdeiros do antigo império, pretendiam estender a influência da península do Lácio⁹ ao continente africano.

As investidas amorosas do gigante Adamastor a Tétis acabam por provocar a ira de Netuno, que causa grandes tormentas nos mares do continente africano. Todavia, as divindades locais não foram coniventes com o desrespeito daqueles deuses estranhos de terras além-mar:

Kianda ficou com raiva, ali, naquelas águas só Kianda podia agitar as profundezas e criar

⁹ Residência das divindades romanas, em comparação com o Olimpo dos deuses gregos.

calemas. Quem era esse Neptuno para vir ali, no seu reino, provocar o caos? Fez recurso a Nzambi, o senhor de todos os deuses, o que bocejou depois de criar o mundo e os homens. Nzambi não gostou da intromissão de deuses estrangeiros no seu sítio. E saiu da sua milenar letargia, por uma vez intervindo no mundo que criara e esquecera. (Pepetela, 2008, p. 4).

O embate entre os deuses africanos e as entidades greco-latinas também é um modo de acirrar a conflituosa relação intertextual de Pepetela com a obra camonianiana. Acima do plano sensível, como espelho mítico das ações humanas, as divindades mitológicas da tradição romana travam o duelo definitivo com as entidades da terra africana, a fim de resolver questões relativas à ocupação espacial, mas essa peleja só é percebida pelo leitor do conto, que será convidado a “juntar as partes” entre aquilo que é materializado na vida dos homens e o que ocorre no plano metafísico. Nesse sentido, o autor angolano propõe um último estranhamento que escapa ao plano diegético (Mattos, 2011).

A presença dos deuses no texto de Pepetela demonstra não só a intenção de comparar as divindades de ambos os povos, mas de forma lúdica representar o *modus operandi* do pensamento colonizador. Os deuses protetores dos navegadores portugueses agem como os futuros “conquistadores”, invadindo o território, impondo sua cultura, desrespeitando e consequentemente inviabilizando a cultura e as tradições locais. O panteão romano simboliza os colonizadores que se apossaram da terra, como se antes da sua chegada não houvesse ninguém naquele lugar (Pinheiro, 2015).

Com efeito, embora implícito, da mentalidade imperialista, a presença do gigante Adamastor em águas africanas é um subterfúgio literário utilizado por Camões para afirmar que aquele continente já estava destinado a ser uma posse europeia antes mesmo da chegada de Vasco da Gama. No conto, a reação dos deuses africanos frente às divindades estrangeiras é um prelúdio do que está por vir. O confronto era inevitável, e se a força do inimigo parecia ser irresistível (como de fato foi), a luta deixaria as marcas da cultura que existia ali por gerações, e que ali habitava um povo que desenvolveu um sistema tribal que não era inferior à “civilidade” europeia.

Algo que deve ser considerado ao nos depararmos com tal peleja é a presença de Nzambi, que é muito mais que um adereço que dá movimento ao conto. É tão poderoso quanto o deus cristão do Santo Ofício português. Após criar a humanidade, Nzambi resolveu descansar e se retirar de qualquer ação mundana e das divindades inferiores. Como afirma Valle (2022), nas religiões africanas, o deus supremo, criador e onipotente, desempenha um papel insignificante na vida espiritual da tribo. Geralmente, encontra-se muito longe ou descansando e é autossuficiente por demais para ter necessidade de culto. É invocado ou levanta-se de sua letargia quando é o último recurso em tempos de calamidade. Sendo assim, Pepetela retira Nzambi de seu sono e o convoca para o campo de batalha para demonstrar o fulcral perigo daquela invasão.

Tétis, paixão não correspondida de Adamastor, seja por prever a catástrofe que se seguiria da luta entre os deuses, seja por se sentir rendida aos encantos do gigante, opta por intervir na batalha:

Tétis escapou do gigante, mas mandou recado, serei tua mais tarde. O colosso acalmou. Neptuno também refletiu que pouco adiantava a guerra provocada por Tétis e o seu apaixonado e retirou para as profundezas, mandando Mane e Vulcano para os seus respectivos ares. Nzambi encolheu os ombros, essa acalmia era mesmo o que queria para poder desinteressar-se

novamente do mundo. (Pepetela, 2008, p. 5).

Enquanto os deuses se acalmavam, os aldeões que estavam festejando e rindo com os navegadores portugueses, tomando-os por espíritos do bem, decidem retomar a aldeia ao notar as águas estranhamente agitadas. É nesse momento que a peripécia acontece por meio do personagem Velôje,¹⁰ um componente da tripulação de Vasco da Gama. O laço que separava o mundo sensível do plano impenetrável dos deuses vai abaixo por meio da ambição dos estrangeiros.

Velôje, que já demonstrava estar encantado com as mulheres negras, resolve acompanhar os habitantes de volta à aldeia. É nesse momento que o metafísico influencia o mundo físico: “Vênus viu o grupo se afastando da praia e voou para ele, por curiosidade ou malandrice, roçando inadvertidamente em Veloso. Mas um contacto de deusa, proibido aos homens, embora não percebido, tem sempre consequências imprevisíveis.” (Pepetela, 2008, p. 4). É interessante notar que esse fragmento do conto é carregado de ironia, quando afirma que os contatos com os deuses “têm sempre consequências imprevisíveis”. Vênus é a deusa romana da beleza e do amor, mãe de Eros, o deus do desejo sexual. Com efeito, por ser uma deusa, sua atitude é premeditada, previsível. Ela demonstra a convergência do terror e do prazer na economia libidinal da escravidão, isto é, da mulher africana colonizada. Ao mesmo tempo em que gera ansiedade e medo, também desperta desejo (Paradiso; Fonseca; Melo, 2022):

O espírito Velôje, de repente, mudou de atitude. Se abraçou à mulher que caminhava ao seu lado, tentou abraçar a da frente. Os da terra riram, esse cazumbi é malandro, parece gosta de mulher. As mulheres fugiram, rindo, esse espírito cheira mal, mas não pode ser um espírito porque nos abraçou com um corpo igual ao vosso, só que tem muitos pêlos, sua muito e cheira como os mortos. Ninguém se ofendeu com o abuso do Velôje, mas este continuou. E a marcha virou um pandemônio, com o espírito correndo para todas as mulheres e estas fugindo. Até que ele conseguiu derrubar uma e caiu por cima dela, e começou violentamente a afastar os panos de ráfia e ela gritou, já sem rir. (Pepetela, 2008, p. 4-5).

Por meio do fragmento acima, observamos que Pepetela traz à tona a brutalidade com que os corpos femininos foram violados durante a colonização. Para o colonizador, as mulheres africanas integravam um folclore bestial e as julgavam mais propensas à lascívia do que o homem. Esse imaginário equivocado e preconceituoso faz com que pessoas negras sofram a rejeição e o desprezo da economia do amor até os dias atuais (Paradiso; Fonseca; Melo, 2022). Ao discutir a hipersexualização dos corpos negros, Fanon (2008) afirma que esses corpos foram sexualizados em nível patológico, de forma que uma das definições de seu *ser* são seus órgãos sexuais ou partes sexualizadas.

O ato de Velôje provocou a revolta dos habitantes, que, armados com flechas, passaram a perseguir o abusador: “[...] os da terra corriam atrás dele e os seus companheiros no batel e num outro que saiu de outro pássaro apontaram às caras uns paus que cuspiam fogo e dois da terra caíram feridos.” (Pepetela, 2008, p. 5). Os habitantes são recebidos a tiros, embora portassem armas extremamente rudimentares. Desse modo, torna-se evidente que qualquer resistência à dominação que se

10 Variação angolana do nome Veloso, personagem do épico camoniano.

instauraria em seguida seria infrutífera ou apenas resultaria numa batalha sangrenta.

Considerações finais

A literatura é uma das formas de contar a história de povos que, em muitas ocasiões, foram inviabilizados e soterrados pelos processos colonizadores. O conto de Pepetela que tratamos ao longo desta reflexão tem o intuito de mostrar o início do processo de invasão das terras africanas utilizando *Os Lusíadas*, um tradicional épico português, sob o olhar dos colonizadores.

Em suma, o conto não é apenas um instrumento lúdico: seu valor histórico e literário ultrapassa as páginas. Por meio dele, o escritor angolano lança uma crítica ácida e contracolonial não só ao texto camonianiano, que representava o povo negro como “estranhos” e “selvagens” que necessitariam da civilização europeia. Seus homens eram descritos como criaturas ingênuas que preferiam barretes de pano às valiosas especiarias e pedras preciosas; as mulheres, por sua vez, apareciam como figuras promíscuas, objetos sexuais destinados a servir aos desejos dos homens “civilizados”. Já os deuses eram retratados como fracos, compelidos a se curvar diante das divindades greco-latinas que estenderiam seu poder sobre o solo africano antes mesmo de Vasco da Gama invadir aquela terra.

A história ainda pertence aos vencedores. Todavia, o conto de Pepetela busca relembrar o que foi deixado à margem da história e conectar a/o leitor/a à uma memória que não deve ser esquecida. Se o autor consegue cumprir o seu intento, não podemos afirmar com certeza, mas seu trabalho pode ser um degrau na escada para a reconquista do passado do povo africano. A memória é um fio condutor que pode ser vítima de censuras. É necessário encontrar o ponto de partida dessas censuras para poder revelar outro passado para além da história dos vencedores. É nesse sentido que Pepetela conta a história dos seus antepassados ao inverter a ótica de um clássico português. “Estranhos pássaros de asas abertas” não é um modo de subverter a história. O povo africano foi vencido pelos colonizadores. Porém, reviver a cultura e a religião dos primeiros donos da terra é um modo de resistência e de afirmação da voz de um povo que foi vilipendiado em suas tradições e que, ainda na contemporaneidade, sofre as marcas da repressão europeia.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, [1955] 1996.
- LAMENTAÇÕES. In: *BÍBLIA Sagrada*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 1257-1267.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 8. ed. Lisboa: Ulisseia, 2007.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- LANZIERO, Beatriz de Jesus Santos. Conto e memória crítica: “Estranhos Pássaros de Asas Abertas”, de Pepetela. *Revista Ecos*, v. 13, n. 2, p. 65-78, 2016.
- LEITE, Marília Fernanda Pereira. Fundamentos epistemológicos do dispositivo contracolonial: a construção de uma ferramenta analítica do saber/poder institucional a partir da resistência discente indígena na UFOPA. *EntreLetras*, v. 15, n. 1, p. 206–223, 2024
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Raça e história*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1984.
- MATTOS, Marcelo Brandão. Estranhos deuses em concílio: uma leitura do conto “Estranhos Pássaros de Asas Abertas”, de Pepetela. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, v. 4, n. 7, p. 57-64, nov. 2011.
- PARADISO, Silvio Ruiz; FONSECA, Silvana Carvalho da; MELLO, Elivelton dos Santos. Para ler, reler e desler Camões: uma leitura decolonial do conto “Estranhos Pássaros de Asas Abertas” (2003), de Pepetela. *Sinop*, v. 15, n. 41, p. 180-202, dez. 2022.
- PEPETELA. Estranhos pássaros de asas abertas. In: PEPETELA. *Contos de morte*. Lisboa: Nelson de Matos, 2008. p. 1-5. Disponível em: <https://doceru.com/doc/n01vs5vx>. Acesso em: 2 dez. 2024.
- PINHEIRO, Melina Gälete Braga. A presença de deuses estranhos em águas africanas: uma leitura de um conto de Pepetela ou uma leitura anti-canoniana. *Interfaces*, v. 5, n. 2, p. 46-54, abr. 2015.
- SILVA, Emanuela Francisca. Entre vencedores e vencidos: reflexões sobre a memória e censura. *Estação Literária Vagão*, v. 4, p. 16-26, 2009.
- VALLE, Diogo Gomes do. “O falso deus adora o verdadeiro”: Pepetela e Camões em diálogo. *Via Atlântica*, n. 42, p. 199-228, dez. 2022.